

CRÍTICA FILME | MESTRES DO UNIVERSO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

negavelmente divertido, embora prejudicado (lá pelo meio) por uma escolha infeliz de paleta de cores na fotografia e na direção de arte, a adaptação em live action das aventuras animadas de He-Man foi gestada numa esquizofrenia (moralizante), que engessa sua dramaturgia. Nota-se uma aflição para se enxertar o roteiro com tiradas abrasivas (e depreciativas) contra toda e qualquer representação da masculinidade, a começar do empenho para se destroçar figuras paternas.

A própria escolha de nome do herói, que acentua o “ele” (he), é alvo de troça, a se impor uma conexão entre os signos de virilidade com a caricata ideia de machulência que as redes sociais adoram trucidar. O que poderia vir como ironia sutil se descortina em dinâmica expositiva, quase didática, o que torna o deboche – e a desconstrução de um símbolo infantil da Era Ploc, os anos 1980 – artificial.

Essa toda esquizofrênica de aversão ao fálico avança pela figura do Esqueleto, que na atuação do oscarizado Jared Leto (de “Clube de Compras Dallas”), oscila entre dois diapasões: ora parece um ser do Mal de proporções épicas, ora soa como um daqueles vilões dos Trapalhões vividos por Carlos Kurt. É mais uma seqüela da necessidade que a longa-metragem tem de ser politicamente ativa (ativista até) nas pautas do Contemporâneo.

O problema é o pavimento que se encontra ali. “Masters of the Universe” (o título original da superpro-

O ‘Eu tenho a força!’ engasga no patrulhamento



Duncan (Idris Elba) dá ao Príncipe Adam (Nicholas Galitzine) instruções de combate no divertido (mas esquizofrênico) ‘Mestres do Universo’

dução, orçada em cerca de US\$ 170 milhões) é uma linha de bonecos, que a Mattel pôs à venda em 1982, a explorar os signos da ficção capa &

espada, tipo bárbaros vs. magos. A estrutura dramática que calçou aquelas action figures (brinquedos) só nasceu em 1983, na série de de-

senhos da Fimation. Em 130 episódios, lançados até 1985, o seriado mapeou o mundo de Eternia, com suas feitiçarias, sua monarquia para-

doxalmente democrática e seu inimigo jurado, o tal Esqueleto (agora dublado por Luiz Carlos Persy). Na TV, essa realidade paralela ganhou vida pelas leis da mais lúdica fantasia, num maniqueísmo que se apoiava num colorido vivíssimo, a fim de pintar aquele planeta como um Éden estelar. Até o Castelo da Serpente, o QG do esquelético ferabrás, era multicolor. Tudo o que se vivia, capítulo a capítulo, num dinamismo procedural (o jargão para tramas que abrem e se fecham num episódio, sem continuar no seguinte), guiava-se por uma estrutura esópica de “moral da história”. Ao fim das correrias, He-Man “quebrava a quarta parede” (isto é, falava diretamente com o público da poltrona) e dava uma lição, numa linha pedagógica do “isto é certo”, “isto é errado”.

O patrulhamento que assombra o filme “Mestres do Universo” não tem essa grandeza. Ele se pulveriza entre frases e ações de uma narrativa, dirigida pelo animador Travis Knight, na qual o Príncipe Adam (a força da natureza Nicholas Galitzine, em estado de graça no papel) retorna à Eternia, depois de 15 anos preso nos EUA, para salvar seus compatriotas do Esqueleto. Idris Elba toma o trecho inicial para si no papel do Mentor, pai da guerreira Teela (Camila Mendes, de DNA brasileiro) e estrategista bélico. Depois, a festa fica na conta de Galitzine e de Garcia Junior, seu dublador genial (o mesmo lá da década de 1980), com seu “Eu Tenho a Força!”. Ele resguarda a riqueza de um filme que podia ser bem mais do que é, não fossem os cabrestos.

CRÍTICA FILME | O BOLO DO PRESIDENTE

Fermento geopolítico

Do Irã todo mundo espera filme bom, vide “Foi Apenas Um Acidente” (Palma de Ouro de 2025), hoje na MUBI, mas, do Iraque, de lá ninguém sabe que tipo de curta ou longa-metragem esperar. Por conta dos conflitos contra os Estados Unidos, em especial o embate envolvendo o Kwait nos anos 1990, pouco se vê (ou se conhece) da produção audiovisual iraquiana, o que fez da carreira internacional da aventura em tons dramáticos “O Bolo do Presidente” (“The President’s Cake”) um acontecimento.

Maior achado da Quinzena de

Cineastas de Cannes do ano passado, essa produção despontou primeiramente como iguaria e, depois, firmou-se uma certeza de excelência. Coube a ele o cobiçado troféu Caméra d’Or, espécie de Palma para estreados. Seu diretor, Hasan Hadi, recém-chegado ao formato dos longas-metragens, foi recompensado ainda com a láurea de júri popular da Croisette.

Venceu por uma narrativa que mistura algo do “era uma vez...” típico das fábulas com um neorealismo de raiz. Faz lembrar “O Balão Branco” (1995), pela sua matriz de



Em ‘O Bolo do Presidente’, Lamia (Banin Ahmad Nayef) corre como pode para fazer o doce que sua escola ordenou

heroína infantil, mas não se agarra a eixos etnográficos. Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo.

Não se trata de um bolo qualquer. É o bolo de aniversário para...

Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria. Estamos no início dos anos 1990 e está chegando o dia 28 de abril, data em que o Iraque era obrigado (por lei) a celebrar o aniversário do governante. Em meio a essa comemoração, Lamia, paupérrima, tem que fazer o doce do

título (com recheio de creme) para o colégio. Se não o fizer (e bem), cai em desgraça. O problema: cadê a grana para os ovos, o fermento, o leite? Pior ainda: cadê a dignidade do microcosmos da opressão a seu redor? Tais perguntas rendem peripécias e ínguas geopolíticas. (R. F.)